

Elisabeth Roudinesco

# Em defesa da psicanálise

ensaios e entrevistas

Textos reunidos, apresentação e revisão:

Marco Antonio Coutinho Jorge

*Programa de Pós-graduação em Psicanálise,  
Instituto de Psicologia/Uerj*

Tradução:

André Telles



**ZAHAR**

Rio de Janeiro

# 1 Polêmicas



## Anatomia de um “livro negro”

Em 1<sup>o</sup> de setembro de 2005, a editora Arènes publicou uma obra coletiva intitulada *Le livre noir de la psychanalyse: vivre, penser et aller mieux sans Freud* [O livro negro da psicanálise. Viver, pensar e melhorar sem Freud]. O livro foi organizado por Catherine Meyer, com a colaboração de Mikkel Borch-Jacobsen, Jean Cottraux, Didier Pleux e Jacques van Rillaer. A partir dessa data, e em virtude de ter sido capa do *Nouvel Observateur*,<sup>1</sup> o livro conheceu certo sucesso: venderam-se dez mil exemplares em 15 dias e toda a imprensa o resenhou sem jamais aprovar seu teor. A quase totalidade dos artigos, em especial os publicados em *Le Monde*,<sup>2</sup> *Le Figaro*,<sup>3</sup> *L'Humanité*,<sup>4</sup> *Libération*,<sup>5</sup> *L'Express*<sup>6</sup> e *Le Point*,<sup>7</sup> praticamente não participou, muito pelo contrário, dessa fúria antifreudiana.

Da minha parte, após ter sido convidada por Laurent Joffrin e Ursula Gauthier, no fim do mês de julho, para debater com um dos autores do livro e depois de expor o meu ponto de vista, preferi abster-me e dar uma entrevista a *L'Express*. Eu não queria contribuir para a difusão de um livro de pura demolição de Freud e da psicanálise que era apresentado sob uma luz favorável pelo *Nouvel Observateur*. Se a manchete de capa da revista tivesse sido outra, eu teria aceitado contribuir para aquele número. Eis por que, aliás, Laurent Joffrin aceitou publicar minha resposta às suas próprias críticas à minha atitude.<sup>8</sup> Nesse livro, os freudianos são levados ao banco dos réus: eles, é o que dizem, invadiram a mídia a golpes de propaganda e mentiras.

São atacados com uma rara violência todos os representantes do movimento psicanalítico desde suas origens: Melanie Klein, Ernest Jones, Anna Freud, Bruno Bettelheim etc. e, pela França, Jacques Lacan, Françoise Dolto, seus discípulos e os principais pioneiros da escola francesa (todas as tendências misturadas, IPA\* e lacanianos).

As interpretações às vezes são delirantes e o índice está repleto de erros: metade dos nomes mencionados no corpo do texto não consta ali.

---

\* International Psychoanalytical Association. (N.R.)

Quanto aos números, são curiosamente manipulados. Por exemplo, os autores afirmam que haveria 18 mil psicanalistas na França, ao passo que há seis mil, distribuídos em 19 sociedades. Com uma estatística desse tipo, que pretende incluir na comunidade freudiana todos os psiquiatras com formação psicanalítica — como se isso fosse possível! —, os autores procuraram prejudicar a disciplina, sugerindo que seus adeptos estariam infiltrados por toda parte, exercendo, portanto, uma influência nefasta nas engrenagens das instituições médicas e universitárias.

A dupla temática da influência e do complô acha-se, por sinal, amplamente presente nessa obra, na qual os psicanalistas são apresentados como detentores dos três grandes poderes que caracterizam as sociedades humanas: a economia, o sexo e o pensamento. Eles só pensam, dizem eles, no dinheiro; invadiram, dizem eles, o mundo da cultura e da intelligentsia; e, por fim, só se interessam, dizem eles, pelas pulsões sexuais, pois querem obrigar seus pacientes a confessar abusos recalcados que nunca teriam existido.

A França e os países latino-americanos são tratados como países atrasados, como se a psicanálise neles houvesse encontrado refúgio por razões obscuras, ao passo que, justamente, teria sido banida de todos os países civilizados. Lembro que ela está solidamente implantada em 41 países e em vias de expansão nos países do antigo bloco soviético, onde havia sido proibida, bem como no mundo árabe e islâmico, à medida que se instauraram novas liberdades. A crise da psicanálise, real nos dias de hoje, tem causas múltiplas jamais evocadas pelos autores, que deixaram de lado todo espírito crítico para se entregarem a denúncias extravagantes.

Freud é o mais atacado: mentiroso, charlatão, fraudador, plagiador, misógino, dependente de cocaína, dissimulador, propagandista, obcecado sexual, ávido por dinheiro e poder, é apresentado como uma espécie de ditador que enganou o mundo inteiro com uma doutrina falsa. Para resumir, essa doutrina não teria existência (é uma “teoria zero”), uma vez que o inconsciente existia antes de Freud, que teria seduzido uma humanidade crédula ao se colocar como um novo messias.

Freud também é acusado, como todos os seus sucessores, de ter deixado seus pacientes num estado de deterioração atroz e de ter inventado falsas curas. Todos os movimentos psicanalíticos são denunciados como antros de corrupção e os psicanalistas, acusados de crimes: dez mil mortos na França entre os toxicômanos, uma vez que aqueles teriam contribuído

para proibir tratamentos de substituição. Nenhuma prova desse gulag imaginário é apresentada pelos autores.

Os responsáveis por esse livro negro conclamam o grande público e a mídia a desconfiar dos tratamentos psicanalíticos. O título, aliás, é eloquente: a expressão “livro negro” remete à existência de complôs ou massacres encobertos. A ideia de “pensar sem Freud” significa claramente que o pensamento freudiano não deve ser ensinado, já que é uma falsa ciência.

Será que devo lembrar que ele figura no programa do *baccalauréat* e que não pertence de forma alguma à comunidade psicanalítica, mas à história da cultura ocidental?

Quanto à proposta de “melhorar sem Freud”, significa que os pacientes são estimulados a abandonar seus terapeutas para se juntarem àqueles que, hoje, seriam os únicos capazes de curar a humanidade de seus problemas psíquicos: os adeptos da Terapia Cognitivo-Comportamental (TCC), cerca de mil na França nessa época.

Essa proposta sugere igualmente que a psicanálise seria destituída de qualquer saber clínico. Pretende-se com isso dizer que ela é uma intrusa nos cursos de psicopatologia das universidades? É uma pergunta.

Os psicoterapeutas de todas as tendências são acusados de serem vales de falsa ciência freudiana e êmulos de seus representantes. Por outro lado, são convocados a juntar-se às fileiras da verdadeira ciência (TCC) e desvincular-se dos freudianos obscurantistas.

Philippe Douste-Blazy (predecessor de Xavier Bertrand no Ministério da Saúde) é espinafrado por ter retirado do site de seu ministério o relatório do Instituto Nacional de Saúde e Pesquisa Médica (Inserm) sobre a avaliação das psicoterapias. É acusado de ter “premeditado” seu gesto — emprega-se geralmente esse termo para um crime ou um delito — com a cumplicidade de lacanianos fanáticos e intelectualizados, seguidores de um mestre que teria levado ao suicídio toda uma população de pacientes.

Antes da publicação, provas do livro circularam na mídia e no Inserm. As famílias de crianças autistas foram aconselhadas a recorrer à Comissão de Ética não contra os charlatães das quais teriam sido as vítimas reais, mas contra uma disciplina (a psicanálise) e contra seus tratamentos, apontados como nocivos. O que se move, portanto, é um processo contra Freud e a psicanálise, e não contra pessoas privadas, presumidamente culpadas de excessos.

Jean Cottraux é um dos redatores do relatório do Inserm. Várias vezes ele se apresentou, em seu site e na imprensa, como um interlocutor privilegiado do gabinete do ministro da Saúde, mas sem provas. Informação desmentida pelo ministério. Jean Cottraux afirmou, depois da publicação do *Livro negro*, que “psicanalistas onipresentes e arrogantes infiltraram-se no poder político para impor seus pontos de vista sectários à saúde pública. Podemos ter uma noção da anemia do Estado que isso revela.”<sup>9</sup> Eis a famosa tese conspiratória.

Num subcapítulo do *Livro negro* intitulado “Crônica de uma geração. Como a psicanálise tomou o poder na França”, Jean Cottraux fala de si mesmo. Conta que, quando fazia seus estudos de psiquiatria em Lyon, no fim dos anos 60, foi vítima inocente da contaminação freudiana. Testemunhou, diz ele, coisas abomináveis em sua simpática cidade, assistindo, em particular, a três cenas atroz: uma invasão de “visitantes”, como ele diz.

Viu chegar um dia à estação de Lyon-Perrache um monstro chamado Jacques Lacan, recebido por um estranho professor de filosofia, um tanto ridículo, chamado Gilles Deleuze. E, segurem-se nas cadeiras, os dois homens conversaram banalidades: “Ah, meu caro mestre, que prazer etc.” Num outro dia, viu chegar outra visita igualmente suspeita, uma senhora, com algo de simplória, chamada Françoise Dolto, e ele guardou dessa visita uma recordação assustadora: “Ela passou um pouco dos limites.” O terceiro visitante que preocupou Jean Cottraux era um ogro, um imbecil, um bárbaro chamado Bruno Bettelheim.

Após ter sido assim “visitado”, Jean Cottraux passou quatro anos num divã. No fim desse calvário, “mandou às favas a batina analítica” e agora é um homem feliz. Eis, portanto, o que significa para ele a história da psicanálise na França, sua famosa face oculta. Ela se resume à autoficção de um modesto psiquiatra do interior (é assim que ele se designa) que foi vítima de terríveis lobos maus e que agora descobriu finalmente, com as TCC, a solução para seus problemas.

Presidente de diversas associações privadas que oferecem formação em TCC, Jean Cottraux recuperou-se então de suas emoções juvenis: dirige um DU [Diploma Universitário] de TCC, ao mesmo tempo em que é responsável por uma unidade de tratamento de ansiedade num centro hospitalar de neurologia.

Outro psiquiatra, Patrick Légeron, também ficou horrorizado com a contaminação freudiana na França, o que o levou a fornecer uma nova

versão da “face oculta” de sua história. Esses profissionais, diz ele em substância, foram em seu conjunto tão nulos e tão incompetentes que são coletivamente responsáveis por um terrível delito: o consumo excessivo de Prozac na França. Trata-se, como constatamos, de uma admirável metodologia histórica, fundada na noção de causalidade única e de uma explicação peremptória digna do sr. Homais\* e com a qual os historiadores deveriam ter-se preocupado. Para sair desse “efeito perverso”, Patrick Légeron conclama os desafortunados pacientes, vítimas dos tratamentos analíticos, a abandonarem o divã, a pararem de tomar antidepressivos e a confiarem nas TCC, que finalmente lhes trarão uma solução para seus problemas.

A obra é redigida por 40 autores e composta de quatro partes. O tom geral é o de um libelo de acusação que visa reduzir o indivíduo à soma de seus comportamentos e denunciar toda tentativa de explorar o inconsciente. Uma violenta diatribe contra a religião, em particular contra o catolicismo, ao qual Lacan e Dolto são ligados, permite aos autores situar-se, na França, à esquerda do tabuleiro político e jogar a cartada do progresso contra o obscurantismo.

Nas duas primeiras partes, “A face oculta da história freudiana” e “Por que a psicanálise obteve tanto sucesso”, acham-se reunidos textos e entrevistas de historiadores majoritariamente anglófonos e conhecidos por suas posições consideradas “revisionistas”;\*\* foi assim que eles próprios se designaram, há 20 anos, pretendendo revisar os mitos fundadores da impostura freudiana. São conhecidos atualmente nos Estados Unidos como os “destruidores de Freud”. Minoritários, estes terminaram, em virtude de seus excessos, marginalizados, depois de pretenderem impedir em 1996, com ajuda de uma petição, a realização da grande exposição *Freud*, em Washington, considerada (pertinentemente) por demais “ortodoxa”. Mas seria razoável lutar contra a ortodoxia de uma disciplina com medidas proibitivas? Certamente não. E foi esse o motivo pelo qual tomei a iniciativa, com Philippe Garnier, de uma petição internacional contra esse tipo de censura.<sup>10</sup>

---

\* O sr. Homais é um célebre personagem do romance *Madame Bovary*, de Flaubert: republicano imbecil e cientista que se acredita investido de uma missão contra a religião e o obscurantismo e que acaba por expulsar todos os mendigos de sua região, sendo recompensado com uma condecoração. (N.R.)

\*\* O tema do revisionismo será retomado em “Crônica de um antissemitismo camuflado” e “A filosofia vista pela psicanálise”, neste volume. (N.R.)

Esses historiadores revisionistas distorcem a obra de Henri Ellenberger,<sup>11</sup> pela qual sou responsável na França e cujos arquivos estão depositados na Sociedade Internacional de História da Psiquiatria e da Psicanálise (SIHPP), presidida por René Major. Fazem dele um antifreudiano radical que teria sido o primeiro a desmascarar as pretensas imposturas freudianas, ao passo que Ellenberger foi, muito simplesmente, o fundador de uma historiografia anti-hagiográfica que questionava o trabalho biográfico de Ernest Jones e de seus herdeiros. Sempre que os revisionistas citam essa obra, na reedição que prefaciei, evitam cuidadosamente citar meu nome a fim de omitir o apoio com que contei do grande historiador, como por sinal comprova o recente depoimento de seu filho, Michel Ellenberger:

O professor Ellenberger colaborou com Elisabeth Roudinesco nessa reedição. Enviou as informações por ela solicitadas. Quando seu estado de saúde não lhe permitiu mais escrever, o contato foi mantido por mim mesmo, que fiz várias viagens entre Paris e Montreal ... Podemos dizer que a edição francesa da *Histoire de la découverte de l'inconscient* (1994) tem valor de edição original, ainda mais que a edição inglesa não é atualizada desde 1970.<sup>12</sup>

Os autores do *Livro negro* apropriam-se, portanto, da historiografia acadêmica — pela qual me pauto e que é oriunda, ao mesmo tempo, de Ellenberger, Canguilhem e Foucault — para misturá-la com um esquema de denúncia que não tem mais nada a ver nem com o estudo crítico, ainda que severo, dos textos teóricos, nem com a necessária atualização da história do movimento psicanalítico: de seus costumes, em geral excessivamente formais, de suas crises, de suas divagações, de sua propensão à adulação dos mestres, de seu dogmatismo, de seu jargão e de seus verdadeiros anos negros (colaboração com o nazismo ou as ditaduras), mencionados em uma linha e de maneira ambígua.

Nada disso é abordado nesse livro, escrito numa linguagem delatora e recheada de uma terminologia que lembra os processos de feitiçaria: mistificação, impostura, possessão, premeditação, assassinatos, complôs etc. É esse o vocabulário que retorna, incessantemente, pela pena acerba daqueles que se apresentam como grandes especialistas em história das ciências, medicina, psiquiatria etc. e que têm como visão única da história o eixo do bem e do mal: o mal é Freud, seus asseclas, seus sacerdotes, seus êmulos, seus ídólatras; o bem é o exército vingador de seus detratores, que, associado a

uma medicina dos pobres, parte em cruzada contra a arrogância midiática e intelectual dos malvados psicanalistas, acerca dos quais é dito que estenderam seu império sobre o planeta inteiro a golpes de protocolos e mentiras.

Não faço parte daqueles que contribuíram para a psicologização de nossa sociedade. Desaprovo a maneira como psicanalistas e psiquiatras de todas as tendências apoiam-se na doutrina freudiana para emitir, na grande mídia, diagnósticos fulminantes a respeito deste ou daquele político, como recentemente no semanário *Marianne*:<sup>13</sup> “Os ‘psis’ analisam o caso Sarkozy.” Louco para desancar um ministro detestado, o dono dessa publicação apela aos “psis” para que estes declarem, em nome de Freud, da psicanálise e das classificações da psiquiatria, que o ministro do Interior é um psicopata perigoso incapaz de governar a França. A psicanálise ser invocada, por seus próprios praticantes, para servir a tal degradação do debate político — há nisso algo de revoltante.

Voltemos agora ao *Livro negro*. Na realidade, os textos reunidos pela organizadora nesses dois capítulos são resumos de livros já publicados em inglês, alemão ou francês e, portanto, de amplo conhecimento dos especialistas em historiografia freudiana. Apesar disso, são apresentados como reveladores de uma verdade encoberta.<sup>14</sup>

Na terceira parte, “A psicanálise e seus impasses”, esta é designada como uma falsa ciência. E é van Rillaer que se encarrega da acusação, reproduzindo quase palavra por palavra o discurso de uma obra já publicada sobre o mesmo tema. Édipo é uma mentira; Lacan, um falastrão; a psicanálise, um delírio ou uma ilusão; Elisabeth Roudinesco, uma autora que escreve em jargão e que se esqueceu de dizer que determinados freudianos haviam sido nazistas e que os fundadores das TCC eram judeus. Freud é qualificado como fraudador de resultados; os psicanalistas franceses, de novos jdanovistas.\*

Cabe observar que nenhuma alusão é feita ao livro de Jacques Bénesteau, *Mensonges freudiens* [Mentiras freudianas], cujo destino conhecemos.<sup>15</sup> Dois autores do *Livro negro* (Cottraux e van Rillaer), entretanto, elogiaram-no por diversas vezes.

---

\* Jdanovistas: seguidores de um rígido código ideológico conhecido como “jdanovismo”, que impunha parâmetros estético-ideológicos para a produção cultural na União Soviética. Foi criado por Andrei Jdanov (1896-1948), político soviético e correligionário de Stalin, e vigorou até a morte deste, em 1953. (N.R.)

Por fim, na quarta parte, são reunidas histórias de vítimas: Tausk, suicidado por Freud, Anna Freud, destruída pelo pai incestuoso, Marilyn Monroe, suicidada por seus psicanalistas. Seguem-se depoimentos de mães de autistas e pacientes vítimas de charlatães.

Entre outras vítimas, encontram-se todas as crianças da França. É a Didier Pleux, psicólogo e diretor de uma associação de TCC, além de especialista na caça a Dolto, que devemos essa estarrecedora revelação, ocultada pelos historiadores oficiais — eu sou visada — e segundo a qual a terrível visitante de Lyon (Dolto) seria responsável pela crise da família ocidental. Ela teria tornado tirânicas e impossíveis de educar todas as crianças francesas contemporâneas. Seus herdeiros — Caroline Eliacheff, Claude Halmos, Marcel Rufo etc. — não passariam, segundo o quarto autor do *Livro negro*, de cúmplices midiáticos desse grande fiasco educativo que apenas as TCC poderiam sanar. Ressaltemos que o nome de minha mãe, Jenny Aubry, não figura nessa lista negra.

O livro, como vimos, foi capa do *Nouvel Observateur*, merecendo várias páginas, vinhetas e excertos sobre as imposturas de Freud. No miolo da revista, Ursula Gauthier conduz um “debate” — responsável pela pesquisa e de longa data favorável às TCC — entre “aquele que acredita” na psicanálise (Alain de Mijolla) como revelação divina e “aquele que não acredita nela”, ou melhor, que parou de acreditar após ter sido um fanático lacanianiano “desconvertido” (van Rillaer). A Ursula Gauthier coube o artigo, dito de “síntese”, destinado a abrir, enfim, um grande debate na França sobre as verdades encobertas etc.

Opõem-se, dessa forma, num pretense debate objetivo (do tipo pró ou contra a rotação da Terra), o representante de uma religião obscurantista e um verdadeiro cientista, o qual, após ter descido ao inferno de uma seita, voltou finalmente para celebrar os benefícios da ciência e de um novo tratamento testado e avaliado. E que pretende, por exemplo, curar a fobia de aranhas em dez sessões sugerindo aos pacientes confrontarem-se primeiro com uma aranha, depois com um monte de aranhas: a mão, o braço, o corpo inteiro. Lendo essas coisas, pensamos em sugerir ao propagador desse fabuloso tratamento testá-lo em si mesmo durante um *reality-show*, ao vivo e na presença de um exército de jurados.

A propósito, o debate do pró e do contra foi organizado, aqui como em outros lugares, durante o mês de agosto, com psicanalistas que, após

terem sido interrogados acerca do lado em que estavam, tomaram a defesa da psicanálise sem terem lido o livro. Alguns conheciam apenas alguns artigos (em provas). Por exemplo, a revista *Psychologies Magazine* já lançara, em setembro de 2005, o “debate” na primeira página, opondo os prós e os contras em relação ao tema: “A guerra dos ‘psis’: por que tanto ódio?”, o que sugeria que os “psis” odiavam-se entre si muito mais que os autores de um pasquim espinafrando Freud e a psicanálise. A nuance é importante, pois permite aos que são favoráveis ao livro valorizá-lo, mantendo a aparência de conservar uma “objetividade”. Gérard Bonnet foi entrevistado sem que a jornalista o tivesse avisado da publicação do *Livro negro*.

Ao contrário do *Livro negro do comunismo*,<sup>16</sup> que era um livro coletivo realizado por seis autores (que depois se desentenderam), *O livro negro da psicanálise* não é um livro de autores, mas de organizador, como indica seu título e o nome que figura na capa. É obra de Catherine Meyer, que o realizou para as edições Arènes. Meyer pode ser tudo, menos uma especialista em história da psicanálise. Para produzir esse livro, ela se cercou de três colaboradores (Borch-Jacobsen, van Rillaer e Cottraux) cujas posições violentamente antifreudianas são perfeitamente conhecidas. Dois deles (van Rillaer e Cottraux) não têm nenhuma competência em matéria de história do freudismo. O terceiro faz parte da escola revisionista norte-americana (a dos “destruidores de Freud”).

A finalidade dessa operação editorial é, por um lado, causar danos a uma disciplina e a seus representantes — num contexto que se segue, na França, à votação de uma lei sobre o estatuto dos psicoterapeutas — e, por outro, fazer uma operação clássica de propaganda e venda.

Em seguida, a organizadora da edição pediu a contribuição de diversos autores. A maioria — como também os três colaboradores — entregou textos ou entrevistas, decerto inéditos, mas que não passavam em sua grande parte de um resumo de suas próprias obras ou de cópia de artigos já publicados e apenas remanejados para republicação.

Alguns deles entregaram artigos publicados em inglês em outras obras coletivas. Portanto, *O livro negro* é uma montagem editorial de diferentes artigos entre os quais metade não apresenta nenhuma relação com o que é enunciado no título, no prefácio da organizadora ou nas declarações dos colaboradores.